



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo. Rua... Administração e Propriedade: Casa do Gaiato do Porto... Vales do Correio para Cete... Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun' Alvaros R. Santa Catarina, 828-Porto... Preço 1000

# UMA CARTA

*Não é costume meu dirigir-me desta maneira a alguém.*

*Mas há muito acompanho a sua obra e o entusiasmo e reconhecimento que por ela sinto é tão grande—porque (como todos) também me atinge e beneficia—que não encontro palavras para lhos traduzir.*

*—O que V. prega vai de encontro aos desejos dos corações bem formados, toca bem fundo nas almas boas—acordando a sensibilidade—e faz meditar concerteza aqueles que, fechados no seu egoísmo, não se lembram dos que sofrem e do imperioso dever de consciência que representa ajudá-los com todas as suas forças.—E então no que respeita à educação da mocidade, às crianças,—entes frágeis e inocentes, intactos na sua pureza, que a maldade do mundo e a podridão dos homens ainda não lograram macular, criaturinhas de Deus, ávidas por viver e irradiantes de alegria—é obrigação sagrada dispensar-lhes todo o nosso auxílio generoso, como clama V.—Não as podemos abandonar, isolados no nosso desinteresse e comodismo, deixá-las atrofiar e morrer, dar-lhes do mundo uma impressão sombria de ódios, misérias, crueldades, criar-lhes um espírito de revolta e de rancor, tão nocivo e arripiante nos Homens que amanhã constituirão a Nação.*

*—E' um dever socorrê-las, dividir com elas o pouco ou o muito que possuímos, unidos de alma e coração com o Padre Américo, tentando levantar por todo o Portugal, de Norte a Sul, um movimento de simpatia esmagador, de puro cristianismo e de um inavaliável alcance social.*

*—E' inadmissível que hoje,—decorridos tantos anos sobre a sublime doutrina de Jesus, que os homens não compreenderam ou não quiseram compreender, tão apegados estão aos bens terrenos e ao materialismo repelente, cómodo e lucrativo—ainda morram crianças de fome!*

*Não se concebe, realmente, que em pleno século XX, definhem pela doença em tugúrios chamados «ilhas» ou à noite pelos portais, perante a indiferença social, aqueles que amanhã ajudariam a constituir uma Pátria forte e prometedora, optimistas e entusiastas, de almas e corpos sãos!*

*Não é possível alhearmos-nos das responsabilidades que nos cabem pelo que se passa e esquivarmo-nos delas à custa de subterfúgios conseguidos graças a raciocínios engenhosos!*

*A consciência é só uma: a consciência elástica, que oscila ao sabor dos ventos e das conveniências de cada um, é absurda e torpe.*

*Não é próprio de inteligências esclarecidas nem é cristão, admitir, como obrigatória a existência da pobreza! E' inconcebível*

*realmente que desde milénios, num constante crescer de conhecimentos, a humanidade não conseguisse condições de vida aceitáveis para os seus membros! Mas temos de contribuir para que estas condições mínimas aceitáveis sejam um facto, lutando por todas as formas contra o egoísmo colectivo, inimigo n.º 1 da civilização.*

*—Colaboramos, é verdade, num crime! E não o percebemos bem ao ler «O Gaiato»? A's vezes não nos sentimos mal, com o espírito inquieto, sem razão nenhuma?*

*Não será este mal estar resultado dos espectáculos tristes que vemos diariamente aí por essas ruas, e que sem darmos fé, vão passando ao sub-consciente, ariumando-se como os livros nas prateleiras de uma estante, e que reaparecendo mais tarde, quando (menos se espera, nos infelicitam?*

## TRISTEZAS

Vinha a dizer o jornal que há tempos em uma catedral de França, mais de duzentas mil pessoas desfilaram perante 40 caixões de branco, onde estavam os cadáveres de outras tantas crianças, mortas num acidente no mar, se não estou em erro.

Oh tragédia! Se chamam negra à morte que leva os homens, que se há-de dizer da que leva as crianças! Duzentas mil pessoas choraram. Ora eu tenho aqui uma estatística de Fevereiro do ano passado, a falar das crianças sem abrigo, e de outras abrigadas, sim, mas orfãos de País. Contam-se por milhões, as de primeira categoria! Alemanha oito milhões. Itália três milhões —e tudo assim.

A estatística diz algarismos. Que diga o resto o teu coração, se és capaz de amar. Crianças que não brincam! Crianças à procura do sorriso da Mãe! Eis a amargura. Crianças a pedir e a roubar. Eis a desgraça. Eu antes as queria chorar num caixão branco, mortas, do que sabê-las a morrer aos poucos e aos milhões, pelas estradas fóra. Neste mesmo estudo do panorama social do mundo, vem a dizer que a Suíça está adotando aldeias para os pequeninos sobreviventes. Não queremos baraaques; pas de tristes institutions. O autor descreve as instituições da aldeia, como as crianças ali vivem, o que é que elas ali fazem. As Casas do Gaiato foram buscar à Suíça ou veio a Suíça a Portugal, buscar às Casas do Gaiato? Nem uma coisa nem outra. Intuição e está tudo dito.

Não é de agora. Tem a data de 12 de Abril e nós estamos em Agosto, mas não perde pela demora. Vem a tempo. Se há mais tempo a não demos à estampa, é que elas, as cartas, são muitas e o jornal é pequeno. Só por isso e nada mais. Eu estou de alma e coração com tudo quanto este senhor afirma, ao qual aprovo assinar o seu nome inteiro e dizer se meu amigo. Sim. Somcs amigos. Estou de alma e coração, somente aonde diz não é cristão admitir como obrigatória a existência da pobreza, ali encontra-se uma palavra inadequada: obrigatório. A pobreza é condição, não obrigação. A pobreza promana da natureza das coisas. E' a doença, a incapacidade, o atrazo, as calamidades, a desigualdade; tudo isto faz com que haja pobres na terra. Quando uma vez, naquele tempo e em conversa, o Mestre disse que havíamos de ter sempre pobres nas nossas vizinhanças, não quiz de maneira nenhuma dizer que é obrigatório tê-los; tão pouco a sua palavra criou a obrigação. Não senhor. Ele disse-o por saber a constituição íntima da pessoa e do mundo. A obrigação é mas é de olhar por eles.

Obrigação do Estado, da Igreja e do Povo todo o povo. E até o próprio mendigo tem obrigação de se libertar do seu estado, sinceramente e honestamente. Peço perdão a todos quantos me leem de me ter sentado um bocadinho na cadeira ou, como diria o Piriquito, armar em mestre. Peço desculpa, sim, mas a categoria deste periódico a isso me obriga. Quanto à criança, sim. Outra vez de alma e coração com o meu amigo Luiz, e agora sem reparos. Não há ali adjetivo que não esteja no seu lugar.

Ele já se trabalha muito nesse campo social. O Menor, há muito que é sujeito a leis especiais e como tal julgado. As nações cristãs tem o olhar e olham para Ele, com interesse e alguma aflicção. Sim. Muito se tem feito. Muito se está realizando. Mas o Estado é máquina. A alma, está na obra de assistência particular. A gente fere-se, meu senhor, e o sangue acode! E' lei da natureza. De uma vez, feri-me no Porto. Eram cinco garotos da rua, aninhados na rua, a comer despojos de fruta. Ali perto estava o mercado do Anjo. Entramos. Comemos fruta. Muita fruta. Quando oiço dizer que vai acabar o mercado do Anjo, tenho pena. Ali nasceu a Casa do Gaiato do Porto! A conversa que tivemos, a fruta que comemos, a fome que os cinco garotos traziam, farrapos que vestiam, tudo isto fez a ferida, e o sangue acudiu! Quando hoje leio cartas como esta, e muitas mais que se não publicam. Quando hoje, após a afluência de visitantes à nossa aldeia, o carinho prestado aos seus habitantes, o entusiasmo pela casa de Lisboa, a boa aceitação dos peditórios, os caminhos abertos por toda a parte, as almas impacientes por mais e melhor; quando sinto tudo isto, digo, vou logo direitinho à raiz: a gente fere-se e o sangue acode! Se eu me não tivera ferido naquele dia e lugar, como disse que é do teu sangue? Como havia de afluir aqui? Sem golpes não há sangue. Sem amor não há golpes. Sim, meu senhor, sinta como escreve. Seja revolucionário.



# NOTA DA QUINZENA

# MIRANTE DE COIMBRA

# NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

Verificou-se no último número, ser insuficiente a tiragem de catorze mil exemplares. Aumentou-se. Leitores afeitos ao jornal, não sofrem a falta de um número. Quando e se o carteiro não faz entrega, aí vem o S. O. S. sempre acompanhado de dinheiro, algumas vezes mais do que a própria assinatura! *Mande. Eu faço coleção.* Não oiço o que por lá se diz do periodico, mas sim oiço o que aqui veem dizer, por carta. E' gente que me não conhece nem eu tão pouco a eles. Gente que precisa mais da leitura do jornal do que dos meus favores ou officios. Nasce-lhes na alma o que dizem, por isso mesmo só dizem aquilo que sentem. Este panorama vem-se desenrolando e extendendo com a formosura de uma aurora boreal. *Alastra: Mande também para fulano.* O que já lê, não só não se farta de lêr, senão que quer, também, que os mais o façam! Isto são os factos actuais do progresso do famoso. Que devemos nós concluir? Pelo primado da espiritualidade. Pela força espiritual. A alma é que é o homem. Mesmo aqueles que a negam, é com ela e por ela que o fazem! Ora o alimento da alma, é a verdade. A verdade é Jesus Nazarêno, e aqui temos outra explicação da retumbancia do jornal.

Em uma das muitas cartas, vinha assim a dizer: *na sua maneira de expôr, v. nunca se esquece que é padre e isso é para mim consolação, católico que sou.*

Disse bem. E' assim mesmo.

Se no cabeçalho aparece o nome de um padre, que outra coisa não há-de ser o jornal senão um pulpito? Quem há-de êle defender senão os oprimidos?

Que outra coisa poderia ensinar fóra do que diz o Mestre? Pra que serve o sal, se não salga?!

Sempre assim pensei, mas nem sempre me foi possível assim fazer.

Era de uma vez eu a cooperar num jornal dito católico, de certa diocese do Império, orientado por um meu colega. Fazia-o por necessidade. Era então, como hoje sou, servo dos pobres. Pedia para eles, no jornal. Pedir para os pobres é marca do Evangelho. Os primeiros apóstolos, naquele tempo faziam na mesma. Ora muito bem. Tinha um cantinho no dito jornal, sim, mas não podia expôr doutrina á minha vontade, por via das cortadelas. Eu respeitava. Era o meu dever. Convencido, nunca. Vencido sim. Chegou o meu dia. Jornal próprio. Tema um: Jesus Crucificado. Leitores? Já se sabe. Dinheirinho? Não me confesso aqui. A luz não é para colocar debaixo do alqueire. A quem alumiará?!

Sem o mestre nada, já se vê. Não podemos nada. Mas com Ele,—tudo.

Podemos dizer tudo. Podemos fazer tudo, desde que a gente se saiba agachar e se saiba diminuir, para que Ele apareça. Pedro ouviu um anjo dizer-lhe: *Sai daí pra fóra.* Ele, com guardas á vista nas portas exteriores da prisão, e com guardas á vista nas portas interiores da prisão, e com as mãos ligadas por cadeias de ferro. Que importa? *Surge veloci ter!*

O pescador de almas, que antes o fóra de peixes! Sim. Temos esta força conôscos. Força que vem do Mestre e nos é dada para a conquista das almas. Não vá a gente cair no êrro de desprezar esta força, e usar a nossa própria fraqueza. Como? Não dizendo. Não escrevendo, com mêdo do que possa vir a dizer o Mundo! O Mundo! Quem é o Mundo? E assim, com êste mêdo, com esta prudência, com esta cautela. Com meias tintas e panos quentes, gelamos o Sangue da Cruz e conquistamos *alminhas!*

Muito tinha já que dizer de Lisboa, mas prefiro continuar a falar daqui antes de passar as minhas *penas* ao novo companheiro.

Coimbra presta-se á maravilha para quem quiser entrar no *noviciado* da Obra. Foi por estas trapeiras e vielas que ela nasceu e tomou o rumo que leva. Tivesse principiado em Lisboa ou Braga e a orientação seria totalmente diferente.

Para se compreender bem o garoto da rua, não há como percorrer com devoção os *lugares Santos* onde nasce, vive, e morre. Já há muito que os não visitava. Desta vez convidei o Padre Manuel para tão piedosa peregrinação. Foi preciso uma manhã inteira e apenas tocamos na, *Conchada, casa do sol e Abegoaria.*

O pobre suspira sempre pela visita do padre, seja de quem fôr. Não foi sempre assim.

—Há tanto tempo que cá não vinha, sr. P.º Américo!

—Eu não sou o Padre Américo.

—Desculpe: a gente estava habituado...

Em cada visita vamos encontrar casos novos, necessidades mais urgentes e sobretudo abismos profundos que a morte, trazida pela tuberculose, cavou.

Remedeia-se o que se pode, deita-se um pouco de bálsamo na ferida, aconselha-se o que o bom senso sugere e volta-se a cara esmagada pelo peso de tanta miséria. Muito teria que fazer, quem não faz mais do que isto. Deus ajuda.

—Sabes, padre, disse para o meu companheiro, sempre que dou esta volta, encontro, ao entrar em casa, a resposta do Alto. Vamos a ver hoje. Dito e feito: lá estavam seis contos á espera, para tapar outros tantos buracos.

A' tarde dispunha-me a procurar o combóio de Miranda, muito contente, quando um mocito sobe as escadas, de embrulho debaixo do braço.

—Era se me deixava cá ficar esta noite.

—Mas tu tens família, para que não ficas em tua casa?

—Meu pai abandonou-nos... minha mãe morreu!

—Morreu a tua mãe!!

Aqueles que não acreditam em santos e protestam contra quem proclama a heroicidade de muitos filhos de Deus e da Igreja, deveriam ter entrado como nós, no tugúrio desta infeliz.

Maltratada e abandonada do marido, um rancho de filhos á volta, tuberculosa em último grau sem poder arrastar-se, conta na farmácia e na mercearia, que cruz e que resignação a desta heroica mulher! De tudo nos deixou testamento.

—A única coisa que me aflige é a sorte destes inocentes. Olhe-me por eles, Padre, quando eu morrer. A minha paixão são os meus filhos. Eu morro sem eles, mas eu não quero matá-los com a minha doença. Leve ao menos estes dois para Miranda enquanto se podem salvar.

Levamos um para a Casa do Gaiato, o outro estava também agora nas Colónias de Campo.

Era outro mais velho que nos batia agora á porta. Nesta tarde tinha pois a incumbência de levar a triste notícia da morte da mãe dos dois pequenitos. Tantas vezes o tenho feito e nunca me habituei a fixar, de olhos enxutos, a criancita que se encosta a um vão da janela a chorar a sua orfandade. Cumprí a minha missão. O primeiro, mais pequenito, não soube ainda apreciar a perda que acabava de sofrer; o outro não quis acreditar no que lhe disse.

O turno de férias estava a terminar e como não podia devolver á rua aquele infeliz, perguntei-lhe:

—Queres ir para a Casa do Gaiato?

—Não! Quero ir para a minha mãe.

—Mas já te disse: a tua mãe não está em casa.

—Mas eu quero ir para a minha casa!

—Bem; vais mas arrependes-te depressa.

O combóio parou no Calhabé e o pequeno

**1** Já fizeram exame do 2.º grau o Camilo e o Herohito.

O Herohito por ser muito amigo dos livros estava para ir para o Liceu, mas não fez a tempo o requerimento para o exame de admissão.

Ele diz que queria ser padre, mas não pode porque os pais dele estão separados.

**2** Já veio o 2.º turno das colónias de férias da Senhora da Piedade.

Na estação foi um sarilho porque os que vieram no 1.º turno queriam vir outra vez. Alguns ficaram a chorar. Um ia a correr atraz do comboio tão cego que emba-teu num poste e ficou atordoado.

Já nos fizeram uma visita na qual jogaram connosco não conseguindo eles levar a melhor.

A bola que as raparigas da J. O. C. cá deixaram esta foi-se logo.

Se não fosse por ser tempo clauso, pedíamos outra aos nossos amigos.

**3** Ainda cá temos o nosso triatro que o S. T. N. fez a fineza de nos emprestar.

Já correu em Arganil e em Miranda. Qualquer dia vai a Pombal e à Louzã. Os que não foram ao Porto foram a Miranda vê-la, mas a maquinaria era fraca.

Gostamos muito.

**4** No outro dia andávamos a jogar á bola e como estava muito calor o Zé Carlos mandou buscar uma bilha que estava no quarto do Camilo.

Outro foi enchê-la mas com tão pouca sorte que lhe ficou a asa na mão e a bilha partiu-se. A' noite houve tribunal e foi o Camilo que o fez.—Pois é, disse ele, vão buscar a bilha sem me dizerem nada e eu vou para beber água e dou com o nariz em sêco. Agora é que vai ser elas.

Isso é que foi rir com a linguagem do Camilo à maneira dos póveiros.

Pascoal correu para casa. Bateu á porta. Caras desconhecidas assomaram á janela.

—Já aqui não mora ninguém da tua família; a tua mãe morreu, menino!

Aos gritos da criança acudiram os vizinhos que confirmaram a notícia. Dali, do alto de S. João à Rua da liha, todos souberam a causa dos clamores do ineliz orfãozito. Ainda bem que ele se não sentiu só. Foi bater á porta das Criadas dos Pobres que lhe visitavam e amparavam a mãe. Choraram com ele e remeteram-no ao Lar. Já o esperava há muito.

—Quem estava em tua casa?

—Eram outros moradores...

Outros moradores!... e as lágrimas rebentaram-lhe outra vez. Quem ler este episódio, depois de limpar as suas, há-de rejubilar ao saber que andamos na faina de levantar Lares para os que dum momento para outro ficam sem lar.

A minha alegria seria maior se tivesse espaço disponível para armar uma camita a este orfãozinho. Estamos a oito anos da fundação da Casa de Miranda e ainda não apareceu em Coimbra, como no Porto, um homem que levantasse a mão a dizer: a escola, as oficinas, o hospital—à minha conta!

O pequenito continuará a dormir no chão até que Coimbra acuda.



# Assinaturas

# Do que nós necessitamos

# Pagas

O Cête esteve aqui agora mesmo a dizer que nenhum jornal chega ás calcachanas do nosso. Falou do *Século* e do *Notícias* e ainda doutros que ele conhece de nome, e quando eu esperava ouvi-lo dizer que aqueles ficavam naturalmente de fóra, enganei-me. Aqueles entram na conta. Nenhum, segundo êle, quer dizer, que todos ficam aquém do nosso! Já é atrevimento!

Ora êle queixa-se de dois males muito fáceis de remediar. O primeiro é que alguns assinantes não dão no vale o nome preciso com o qual se inscreveram, e a gente tem de virar folhas e folhas até acertar. A gente; são os três: Alfredo, Avelino e êle, o Cête.

O outro mal, também se resolve num instante. E' que alguns senhores que nos mandam listas de novos assinantes, em vez do seu nome, põem na carta somente *Um assinante*. Vamos que a gente precise de comunicar com essa pessoa, para qualquer fim, sobre o jornal?!

Ora aqui é que está. Por isso e resumindo: Primeiro—Dar no vale do correio *aquêle mesmo* nome que deu ao fazer-se assinante. Segundo, os amigos que arranjam novos assinantes, digam o nome para referência necessária. Ora eis. Desta forma, vejo-me eu livre do Cête e já êle não tem ocasião de vir com as basofias do costume: *nenhum jornal chega ás calcachanas do nosso*. A biucha de assinantes continua. Não vem nenhum dia ao mundo que nos não traga um. Neste momento, temos a lista de um sacerdote, pároco de uma freguesia ao pé de Guimarães, no-so amigo a valer, pelas visitas que nos tem feito e interesse que mostra. Na lista vem um senhor de 500\$00. Sim senhor isto é que é saber lêr!

Dr. José Raimundo Braga de Magalhães Sant'Ana-Ponte da Barca, 20\$; Maria Amália Nápoles Alpedrinha, 20\$. Maria Madalena da Fonseca Malheiro Das, Porto, 20\$; Irene Ribeiro Lugar Novo Riachos, 20\$; Angelo Neves Tavares, Alentejo-Redondo, 20\$; Jilson Cristiano Bessa, Povoa de Varzim, 50\$; Dr. Amadeu de Miranda Mendes, Porto, 50\$; Dr. Antero Cochofel de Miranda Mendes Foz do Douro, 100\$; Maria da Conceição Coimbra Neves, Alvaizara, 50\$; Analide Malta Azevedo, Matosinhos, 70\$; Alc na de Jesus, Porto, 20\$; Lydia de Noronha Valadares Souto, Porto, 20\$. Padre Joaquim Santos Lopes Pimentel, Sabugal-Aguas Belas, 20\$; N. Lencastre, Porto, 600\$. Maria Cândida Alves Lopes, Foz do Douro, 20\$; Lúcia Azevedo Antas, Porto, 25\$; Nuno Coelho de Menezes, Lobito, 50\$. Fernando Coelho de Menezes, Lobito, 20\$. Glória de Brito Viegas, S. Romão, 20\$. Mar a José Cêrea Gonçalves, 20\$; Ana Maria Proença Gralheira, 15\$; Maria Rosa Calçada, S. Romão, 2\$; Manuel João Mendonça, 20\$; Maria de Brito Luz, 15\$; Catarina da Conceição Carrusca, 1\$; Mar a da Conceição Costa Carusca, 10\$. Manuel Nunes Gomes, 20\$; João Faísca Panassqueira, 20\$. Todos de S. Brás de Alportel.

Joaquim N. Pontes, Porto, 20\$; Amélia Rodrigues Marques, Coimbra, 30\$; Alfredo Jorge Machado, Porto, (10 anos) 500\$; Amélia Pereira de Lemos de Andrade Peres, Porto, 200\$; Joaquim de Sousa Correia, Lousada, (2 anos) 50\$; Júlia Dias de Sousa Santos Pereira, Lisboa, 25\$; António Santos Pinto Pereira, Lisboa, 2\$; Manuel dos Santos Pinto Pereira, 25\$. Manuel da Silva' Chão do Cauce - Quinta de Baixo, 150\$; Manuel Carlos Neves, Rebordainhos—Bragança, 25\$; Aurélio Gomes de Freitas, Porto, 25\$; Maria Alice Prgado Cravo, Porto, 30\$; Joaquim Ferreira Dias, 20\$; João J. Marques Nuet de Bacelar, 50\$; José António Teixeira Lopes, Bragança, 25\$; Seneriano José de Magalhães, Porto, 18\$; Emilia Resende, 25\$; Maria da Eucaristia de Queiroz Vasconcelos Coimbra e Lencastre, Lisboa, 50\$; José Correia Pinto, Porto, (2 anos) 50\$; Maria Luísa de Novais Vilaverde, Porto, 4\$; Alvaro da Silva Mattos, Porto, 20\$; Padre António Peixoto Bessa, Sande Marco de Canavezes, 25\$; Maria Ramos Moreira Amorim, AVer-o-Mar, Povoa de Varzim, 30\$; Amér co da Graça Júnior, Porto, 20\$; Padre João Domingos Sabugal—Soito, 50\$; D. Maria da Conceição Vilaça, Viana do Castelo (2 anos) 50\$; Capitão José Francisco Correia Leal, Lisboa, 20\$; Manuel Duarte Matias Pereira, Lisboa, 100\$; Engenheiro Alberto Villaga, Viana do Castelo, 50\$; Menina Maria Teresa Monteiro Trindade, Castelo Branco, 200\$; Dr. Alberto Triadade, Castelo Branco, 200\$; Deodata Magalhães Sousa, Santa Maria—Açores, 50\$; Margar da Magalhães Sousa, Lisboa, 50\$; Maria Carolina Jardim Vieira de Campos, Coimbra Bencant, 25\$; Padre Dr. Manuel José de Sousa, Tomar, 40\$. Joaquim Alfredo Ferreira Roberto, Tomar, 25\$; Dr. Alfredo Matoso, Tomar, 120\$; Dr. Manuel Duarte Tomar, 100\$; Isolina Elisa de Vasconcelos Araújo, Bêsteiros—Paredes, 20\$; Super ora do Colégio de Santa Doroteia, Lisboa, 20\$; José Simões Vaz, Chão de Cauce—Quinta de Cima, 25\$; Palmira Rego Ribeiro, Chão de Cauce—Quinta de Cauce, 25\$; Justina Ferreira dos Santos, Coimbra, 30\$; João Currão de Sousa, Rio Manapo—Provincia do Niassa, 50\$; José Soares Machado, 20\$; Avelino Correia, 30\$; António A. Regueiras, 50\$; Alberto Ferreira da Silva, 30\$. Manuel Monteiro de Oliveira, 30\$ e José Carvalho Correia, 50\$, todos de Santo Tirso; Francisco Enrique Barbosa, Porto, 100\$; Alfredo Almeida, Porto, 30\$. Arnaldo Sales Couto Viana, Viana do Castelo, 60\$; Tenente Mário Lourenço dos Santos, Comandante da P. S. P. da Covilhã, 150\$; José Dias da Silva, Dornelas do Zêzere—Paredes, 20\$; Manuel Têres de Campos, Tomar, 50\$; Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto, S. João do Estoril, 100\$; Alfredo Vaz Pinto, Lisboa, (2 anos) 100\$; Joaquim José Bêtto Júnior, Souzel, (3 anos) 100\$; António de Moraes Castro, Mirandela, 50\$; José Augusto de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto, Lisboa, 100\$; Alfredo Rodrigues Leitão, (2 anos) 200\$; Maria Ester Pereira, 60\$. Francisco Marques Pereira (até ao n.º 96) 30\$ e Mário Baptista Pereira, 25\$, todos de Vila Nova de Ourém; Joaquim Pacheco Moreira, Lisboa, Medicamentos; Dr. João Ferreira Pulido, Lamego, 50\$; F. C. M., Porto, 20\$; António Maria Domingos, Pampilhosa da Serra, 25\$; Francisco Maria Soares, Setúbal, 50\$; Luís de Almeida Netto, Lisboa, 30\$; Aurélio Augusto Correia, Monção, 160\$; João Carrão de Sousa, Rio Monapo, 50\$; António de Sousa Gonçalves, Quelimãna, 50\$; Vanda Maria da Cas

Lima Pinto, Porto, 5\$. Maria Manuela Carmona Graça, Porto, 50\$. Isabel Ferreira, Foz do Douro, (até fins de Junho), 750\$. Alfredo Joaquim Miranda Vieira, Porto, 30\$. Josefina Augusta Leite Fr as, Porto, 100\$. Engenheiro Abel Leão Costa, Angola, 50\$. P.º José Francisco Silveira, Sabugal, 40\$. José Leal, Paredes, 50\$. Júlio Mendes, Vila Real de Santo António, 100\$. Augusto Queiroz, Porto, 25\$. Engenheiro Norberto Múras Quioiroz, Caldas da Rainha, 25\$. José Carlos Guimarães Leça da Palmeira, 50\$. Graziela Gomes Braga, Porto, 30\$. Mar a Soares Albergaria, Porto, 50\$. Laura Maia, Porto, 40\$. Laurinda Silva Carvalho, Vila Nova de Gaia, 20\$. Dr. Hermazo Themudo Machado, Tomar, 50\$. Alvaro Gonçalves, Porto, 50\$. Adelaide Das Fontes, Alcanova, 3\$. José Manuel da Cunha Ferreira, Anção, 50\$. José Maria Simões Lopes, Porto, 20\$. Bernardino Martins, Fafe, 50\$. D. Maria Teresa Vasconcelos Ruas Engrácia Viseu, 50\$. Casimiro Augusto Ferreira Pôrto, 50\$. Feliciano Augusto Ferreira, Porto, 5\$. Alda de Castro Campino, Lisboa, 24\$. Eduardo Alves Condeixa (2 anos) 60\$. Dr. Egídio Aires, M randa do Côrvo, 30\$.



# Visitantes

Ontem é que foi! Domingo, já se sabe. Ontem foi domingo. Ainda bem que começamos agora com serviço de cicerones qualificados e estes de braçadeira encarnada. Eram sete d'êles. Haviam recebido de vespera em tribunal a nomeação mai-la braçadeira. Foi o sabido de Tomar que nos veio aqui dizer como agente há-de fazer. Eles é que nos ensinam. Eles é que são mestres. Eu já disse aqui como êle fez. Chegou. Botou alturas. Insinuou-se. Começou a ciceronar, sem nomeação. Deixava, até, a sua obrigação, apenas chegavam visitantes... Abotou-se. Fugiu. Tudo muito limpo. Ficou a lição. Pedimos hoje a todos os visitantes que reparem se os cicerones trazem ou não braçadeira. Se não, não é cicerone. Se sim, sim. Ora muito bem. Pois ontem começou o dia logo de manhã por uma camionete. Outras seguiram-se àquela. Combóio. Automóvel. Grupos. Caravanas. Um mundo. *Zé da Lenha*—Francisco de Casaldelo, apareceu-me aqui com uma saca de dinheiro e assinaturas.

—Andamos a pedir ós senhores da camionete.  
—Não é permitido. Não quero que peçam nada a ninguém.

—Foi os senhores. Foi um senhor que nos agarrou e foi em roda pedir a toda a gente. Olhe. Despejaram a saca. Eles não podiam falar de tanta alegria. *Dinheiro pra gente!* Esta camionete era composta de forasteiros de S. João da Madeira e seus arredores. Estou contente com o Amandio, por êle haver dito, duma vez que fomos a Coimbra no *Morris*, que a terra de que mais gostara, fôra S. João da Madeira! Tem bons gostos o Amandio. Os senhores da camionete quiseram despedir-se de mim, no fim do dia e hora de regressar. Subiram à sala da casa mãe. Pelo traje. Pelos ares,—tudo gente do campo. A melhor gente! Vinha um ancião na comitiva. *Na freguesia, só há um com mais alguns meses do que eu.* Começa a falar. Um compendio!

Estava-se em frente de um homem justo. Faz tão bem à alma da gente ouvir almas não adulteradas! Conta de um filho que em pequenino quis ir prós estudos. Ele tinha ali filhos e netos. Falou do outro; do que quis ir estudar. Ele, Pai, não queria; *A vida do lavrador é de poucas posses*. Mas todos queriam. O rapaz também. Foi estudar pró seminário. No fim do primeiro ano, o Pai sentiu desejos de saber do aproveitamento do seu filho. Ele tinha pôsto o problema ao futuro estudante: *Olha que eu não vou pegar no chapéu na mão para dar valor a quem o não tiver*. Coisa soberba! Isto sai do peito de um homem do campo!

Tinha pôsto o problema. Desejava ver qual a maneira como o seu filho o estava a resolver. Dirigiu-se ao Seminário. *Tive vergonha de falar aos Mestres e perguntei o porteiro se sabia alguma coisa do meu filho*. Eu escutava aquelas barbas brancas, esmagado por uma tal grandeza. Estava em frente de um Homem de braço. Bra-

Mais um pacote, de uma familia visitante com roupas usadas e seis toalhas de rôsto, em fôlha. Esta familia deixou, ainda, um envelope e dentro uma nota de mil escudos.

Ao abrir as toalhas, vi nelas a resposta ao nosso apêlo aqui feito. Estes senhores leram, compreenderam. Fazem suas as nossas necessidades. Eles precisaram de ir a uma loja comprar seis toalhas! Eis aqui o pensamento cristão. Assim dão os cristãos. Ofereceram seis delas. Poderiam ter dado muitas mais; ter até empregado em toalhas os mil escudos que vinham no envelope. Poderiam, sim, mas não o fizeram. Deram sômente seis, para tu teres oportunidade de oferecer, também, a tua toalha. Teres aqui uma acção. Ser accionista da Casa do Galato. A instituição mais espiritual que jamais se levantou debaixo do céu da nossa terra! Cada assinante uma toalha. Cada assinante um lençol. Os dois artigos que estão agora em falta. Quem responde? As pirâmides do Egipto, são feitas de blocos!

Mais uma telefonadela.  
—Está lá?  
—Está!  
—Quem fala?  
—Fulano. (Eu).  
—Muito bem. Oiça lá, já tem oferta da máquina de costura?  
—Não senhor, não tenho.  
—Muito bem. Tem a máquina. Um grupo de rapazes vai oferecer-lhe uma *Husqvarna*. Dentro de uma semana tem-na aí.  
—Mas olhe lá, isso é a valer? E' que sendo assim, eu recuso qualquer outra oferta que possa vir.

—E' verdade. Vamos dar-lhe a máquina, sim. Mas não recuse. Aceite tudo de todos. Você não tem já a casa de Lisboa? Aceite.

Falava do Porto. Era voz do Porto. Era a voz do Porto. Naquela cidade fala-se assim: *aceite para a casa de Lisboa*. Que importa ser Lisboa, Porto ou Coimbra? Qual a marca das almas? Quem é que as distingue? Cristo morreu por todos e quer que todos se salvem. Gosto desta linguagem. Pensamento universal. Eu quero barreiras. Quero a minha pátria. Amo a minha bandeira. Sim. Porém a Cruz do Filho do Homem, por alta, vê-se de toda a parte. Ela, o laço de sangue, que une todas as raças, todas as cores, todos os estados. *Agora já não há gregos, nem romanos, nem judeus, nem gentios, nem senhores, nem servos, nem ricos, nem pobres, porque somos todos irmãos*. O prégador destas verdades deu a vida por elas, tendo, em vida, padecido por amor delas: *Eu prisioneiro de Cristo, quereria que todos fossem como eu, exceto estas cadeias*. Pois se estas verdades causaram a morte de um Apóstolo, certo é que elas são vida. Custa-me tanto quando vou por esse mundo pedir, e oiço o pequenino *aqui não. Temos cá o nosso asilo, a nossa sôpa, os nossos pobres, as nossas coisinhas!* São cancelas. Cancelas a embargar a torrente de generosidade que as palavras do Apóstolo fazem brotar dos corações, naturalmente, espontaneamente, necessariamente. Ou não fosse o nosso, semelhante ao Coração de Jesus! Como hão-de escutá-las, se não houver quem as prégue? Como hão-de pregar, se são impedidos por outros prégadores?

Custa-me tanto, sim!  
E mais nada.



zão de humildade. O braço do Filho do Homem! Mas quem é o filho? Aquêlo filho de quem o porteiro do Seminário havia de dizer?

E' o actual Bispo da Beira!  
A conversa dilata-se. *Talvês o seu filho venha vê-lo dentro em pouco*, arrisquei. Eu queria ouvir lições. Aprender. Gozar. *Não me parece, diz êle*. Vestia de luto. Filhos e netos ali presentes, da mesma sorte. *A Mãe morreu. A Mãe é que é a força*. Outra vez humildade. A grandeza da humildade. Se a Mãe fôra viva, o filho viria à sua terra natal. Assim, só por ela, não vem. Ele para que presta? A força estava toda na Mãe! Oh Beleza Increada, que das tanta beleza aos humildes da terra! *A Mãe é a força*, continua. *E' ela a primeira a pegar no filho do coço*. O homem, grangeia e ampara as suas fraquezas. Que grande responsabilidade não tem o Bispo da Beira! Por ser Bispo? Sim. Mais por ser filho de um tal Pai.



# Isto é a Casa do Gaiato

**T**IROLIRO reassumiu as suas antigas funções de porteiro, agora que resolvemos fechar o portão de entrada, ao fundo da avenida que leva à aldeia. Tem à sua conta, também, limpar a dita avenida e regar as árvores, que há pouco ali se plantaram. Vamos a ver o que ele faz. Já ontem cometeu uma falta grave. Soube-se que um automóvel chegou, puxaram a campainha e foram-se embora porque o *Tiroliro* não apareceu. Falta grave. Avisou-se o *Tiroliro*. Que não caia noutra.

cascar elas. Cestos e cestos. - O *senhor Joaquim*, como os rapazes chamam ao nosso professor de canto, cego; o *senhor Joaquim*, digo, é quem faz conduzir e arrumar no celeiro por castas e por tamanhos. Ele sabe tudo. Ele vê tudo. Ontem, estava ele ocupado a pregar uma tábua, quando o professor *Arlindo* notou que nem sempre acertava. Riu-se d'ele. Que faz o cego? Dá-lhe o martelo. Tapa-lhe os olhos. Manda-o pregar. O professor *Arlindo* errou-os todos! Um cego a dar lições aos que parecem vêr!

Foi um rapaz de Tomar, crescido e sabido. Apanhou dinheiro e fez dele uma arma de morte. Aproveitou-se aquela hora do tribunal e o exemplo do fugitivo, para demonstrar o perigo do dinheiro nas mãos dos que me estavam a escutar. O vadio de Tomar, não teria certamente regressado à vadiagem, se não tivesse tido a facilidade de obter dinheiro. Isto veio muito a propósito, porquanto, muitos dos nossos que já ganham, tanto aqui como no Porto, querem o dinheiro todo para as suas mãos e a gente não lho dá. Credita. O vadio de Tomar, disse, pela sua acção, que na verdade, os que ficaram, devem ter muita cautela com o dinheiro. Também, em tribunal, me culpei perante todos, por não ter reparado a tempo no mal que há, nisto de um qualquer ser cicerone. Oxalá o de Tomar regressasse à nossa aldeia, para minha tranquilidade! Por isso, nomearam-se alguns rapazes aos quais se deu uma divisa encarnada e a missão de receber visitantes. São eles o *Bucha*, que diz chamar-se *Gaspar Pinto*, mas não sabe de que terra é. O *Presidente*, que é o *Luiz de Cabeceiras*. O *Pirulas*, que é o *Manuel da Régua*. O *Figados* que se chama *José Barros* e um seu irmão *Fernando*. E finalmente, o *Sapo*, que toda a gente conhece. São seis. Receberam instruções de não saír do largo da capela, aonde os carros geralmente estacionam, e dali tomar conta dos grupos... e dar contas. Aos visitantes, também queremos pedir o favor de reparar que o cicerone traga a divisa. E' uma fita no braço. Nós temos de trabalhar todos contra o comum inimigo—O dinheiro.

**A**O chegar ontem de fóra, veem os gritos do turbilhão: o *Bucha* não-quiz tirar um dente! Logo vi de que se tratava. Chegou a hora suspirada. Desde o ultimo Dezembro que estava à espera. E' o nosso consultório dentário. Já por duas vezes tive na mão os trinta contos e por duas vezes fiquei sem eles, para outras coisas, por não existirem as ferramentas e aparelhos necessários. Chegou a hora da instalação total e formal. Ando agora a pagar ós poucos, conforme posso. Dei por uma vez dez contos. Dei por outra nove contos e meio. O resto irá a seu tempo. O que é preciso é que o *Bucha* tire os dentes a bem e a mal. Este pequenino, ainda hoje é tão pequenino, mas que era muito mais quando cá chegou! Sózinho, trazia recado d'uma mulher de Espinho; vai por aí além até dares com a *Casa do Gaiato*! E ele assim fez. E ele deu com a *Casa do Gaiato*. E ele tem hoje um consultório dentário, especialista e tudo, para lhe tratar dos dentes! Este *Bucha* e tantos *buchas* da mesma sorte;—Crianças por quem o *Senhor Jesus* chama e por isso mesmo tanto te comoves tu, ó visitante, quando vens à nossa aldeia! Se houve jamais no mundo uma força irresistível, são braços abertos da creança abandonada.

**A** propósito de se fechar agora o portão da aldeia, mais cuidadosamente aos domingos, contou-se ontem um caso em tribunal, ao dar o aviso. Eu digo como foi. Foi assim: De uma vez, em uma terra estrangeira, fui visitar uma família e encontrei a mãe ocupada com o banho dos filhos. Eram sete filhos, de dez anos para baixo. Estavam todos. Não havia creados nem creadas. Admirei. A mãe nota o meu espanto e declara que nunca outras mãos trataram, nem outros peitos alimentaram seus filhos. *Eu é que faço tudo*.

**T**IRAMOS o nosso mel. Uma panca-daria de quilos d'ele. Vai-se dar uma merenda a todos e depois guarda-se, para mim. Nós gostamos de ter de tudo. No dia em que o mel se colheu, andavam por cá muitos desfigurados. Lábios, olhos, faces. Curiosidade. Queriam vêr como era aquilo,—e viram...

Tratava-se de uma senhora nova, bonita, desembaraçada. O marido era dentista, ambos da Inglaterra. Tomamos chá. Aquêlê chá primoroso de uma família inglesa, aonde tudo fala do amor ao lar. Sai a meditar; como a Mãe pode, na verdade, ser para os seus filhos o mundo, quando eles nunca veem nada no mundo senão somente a sua Mãe! *Eu é que faço tudo!* Mais tarde, quiz o acaso que de novo nos encontrásemos. Era a bordo de um paquete. Mãe e os sete filhos. Marido, ficara. Como é que a Mãe impedia os filhos de se aproximarem da amurada? Em baixo o abismo! Eles tão pequeninos! Oh perigo! Como é que ela fazia? Um fio. Um fio do norte, que saía da perna de cada um, prendia-se à perna de um banco e estavam presos! Isto era no mar alto. Vi, observei muitas vezes a mãe a prender os filhos,—que já estavam presos a ela por um tamanho amor: *Eu é que faço tudo!* Eles nunca viram outros olhos, nunca outras falas, jamais outros carinhos. Do ventre passaram ao regaço. A Mãe era tudo. Oh coração; és tu que prendes! Acabei de dar a lição da Mãe e apliquei: O portão da nossa quinta é o fio do norte. Se te não prendes, ele não te segura. O rebotalho escuta. Não teem; nenhum deles pode ter, necessariamente, a delicadeza de sentimentos d'aquelles sete. Mas ouviram a lição. Eu acredito na força do espirito. A lição foi toda espiritual.

**S**APO veio agora mesmo trazer aqui o *Pombinha* por um braço, todo enfiado, e dizer que ele estava escondido na casa do carvão, pra não trabalhar. Os nossos maiores trabalhos aqui em casa, são justamente o incurrir no ser destes rapazes o amor ao trabalho.

**O**NTEM à noite, nomearam-se cicerones, para valer, e denunciou-se o perigo de um cicerone falso, que na véspera, domingo, andara a mostrar.

P. S.—Também o *Melgaço*. O *Melgaço* também é cicerone. O *Melgaço* morria de desgosto se não mostrasse a nossa aldeia e dissesse da sua alegria! Ele é o *Amandio*.

**T**IVE más notícias de um dos nossos rapazes, actualmente colocado em Coimbra. E' o *Carlos de Tábua*. Disse-me que tinha ido ao médico e que este mandou apartar a loiça!

Puz imediatamente o *Morris* na estrada. O caso não é tão grave, felizmente. Sequentes exames, aliviaram as cores do primeiro quadro. Mas eu trouxe comigo o doente. O rapaz apoiado na almofada, olhava as vinhas, os olivais, as ceareas, sol e dizia baixinho: *quando eu andava por lá os tostões!* Nunca este moço viu as coisas como agora, quando *andava por lá os tostões*. Nem este nem nenhum. Passava por olivais e por vinhedos e por ceareas; tostado do sol sim, mas não via nada. *Andava os tostões!* Morava numa barraca da banda de lá do Tejo. Nas barracas não entra o Evangelho. A barraca é mesmo a negação do Evangelho. Este é totalmente Amor. Primeiro amor. Constrói um hospital. Arranja um *Morris*. Vai à barraca buscar o pedinte, e ele, imediatamente começa a amar. Primeiro as coisas da natureza: oliveiras, campos, sol. Depois. Deus! Qualquer outro caminho é errado. Uma vez em casa, marcou-se leito, medicamentos, alimentos. Anda contente como um passarinho, por termos aqui na aldeia resposta adequada a estas doenças: o nosso hospital! Na casa do *Gaiato* de Lisboa, vai ser na mesma. Não se constrói de raís mas a parte melhor do actual palácio, é reservada aos nossos doentes. Primeiro amar! O mandamento novo! *Senhor de Misericórdia*, eu confesso e sei que este mandamento basta para a gente fazer o que quiser!

Que o mundo ponha aqui os seus olhos incrédulos. Que os nossos leitores bebam nesta fonte, e amem.

## Uma resposta

«Chorei: Gostava de saber se aquele «inocente por amor do qual a mulher do povo tirou o dinheiro á boca, ficou «aí numa caminha, mesmo no chão.»

Senhora de Lisboa, d'aquela casinha pobre, á Lapa, de onde se vê o Tejo e na qual nada falta,—porque pobre. Aonde quer que se encontre, quando estas regras lês, saiba que o inocente dorme hoje numa caminha. E' o *Horácio*.

Gosta de boas notícias?

Aqui as tem. Ama a mulher de chaile e lenço que tirou o dinheiro á boca? E' feliz.

Não repare de eu não ir á Lapa, vêr o Tejo, sempre que vou a Lisboa. Não repare.

Como não quizera eu fazê-lo, sim! Mas quê. Tenho de aprender a tirar tudo á boca e amar segundo amou esta mulher do povo, a das reitretes, que veio cá trazer o inocente pela mão.

E' só por isto.

**A**CABOU hoje a sacha do milho nos nossos campos. Há um rôr de semanas que os do campo andavam desde manhã até à noite naqueles trabalhos. Chegou o fim. Que fizeram eles? O mesmo que já o ano passado tinham feito. Ergueram uma bandeira no local e vieram pedir ós cozinheiros qualquer coisa de lambar. Deu-se-lhes. Tinhamos latas de peixe. Abriam-se algumas.

**P**ASTELÃO fez exame de admissão ao Liceu. Andou por lá uns 3 dias. Hoje sim. Amanhã não. Agora suplente. Logo efectivo. Até que chegou a maré; treze valores. Pastelão saía de casa com a cabeça cheia de ideias e a al-gibeira de borôa. Borôa cozida. A nossa borôa. Uma vez na sala de exames e á hora em que os mais tomavam o seu precioso *lanche*, Pastelão rapava de uma côdea e rilhava.

—Oh! Pastelão! Parece mal!

—Olhe prós outros a comer bolos!

Fêz exame de admissão. Será admitido? Ele tem 14 anos e parece que já é tarde. Vamos a vêr. Os nossos *intelectuais* chegam cá muito tarde e veem alfabetos. Vadiagem, quer dizer ausência da escola. Começam tarde. Apresentam-se fóra do tempo na admissão ao Liceu. Se a lei fôr tão rígida que se não adapte, adeus Pastelão!

**O** Zé da Povia está na enfermaria. Tem estado e estará; fruto das repetidas fugas. Desta ultima, andou por lá que mezes. Ninguém o conhecia quando regressou. O irmão d'ele também fugido, regressou para nunca mais, e é o chefe da Casa de Mirança. A enfermaria tem sido pouco concorrida, felizmente. E' a borôa e o sol!

**C**HEGOU agora a maré dos pardais. Dos pardais novos, que arriscam os primeiros vôos e caem no chão. Aonde? Ao pé dos rapazes! Oh quedas! Fazem ninhos nos telhados. Nos telhados de todas as casas da aldeia. Muitas casas. Muitos ninhos. Muitos pardais. Muitos rapazes. Quem pode?! O rapaz não resiste. Não há nenhum que resista a fazer prisioneiro um passarinho do ar. A sensação que experimentam, tem mais força do que eles. Hoje foi um clamor á hora do jantar. O Rio Tinto tinha um pardal no seio! Outras vezes, até na capela: *xéu, xéu, xéu!* Ontem, foi uma grande bulha entre muitos por causa dum pardal.

**B**ATATAS. Agora é batatas. Batatas a sair dos campos. Comer, não se fala. Enquanto os rapazes disserem que sim, os cozinheiros não dizem que não. Todas as noites, após os trabalhos de arrumar, fica uma turma deles a des-

Visado pela Comissão de Censura